

Espaço causa solidão no DF, diz professor

"Brasília se inaugura. A cidade está em festa. Onde estão nossos irmãos operários que tudo lhe deram e, em troca, nada receberam". A indagação é de Oscar Niemeyer, feita quando Brasília completou a maioridade e esta questão foi repetida pelos 600 estudantes que participam, esta semana, do VII Encontro Nacional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo ao analisarem o "Espaço Urbano e o Edifício".

Para os estudantes, os grandes espaços existentes na Capital funcionam como barreiras entre as pessoas. O espaço aqui existente, na opinião de Marco Antônio Ferreira Santos, atua como elemento desagregador. A setorização e a própria concepção monumental que a arquitetura da cidade transmite é sentida pelas pessoas, segundo ele, como locais de contemplação e não de habitação. Há quem diga que Brasília foi feita para morar, mas não para viver.

Para o professor de urbanismo, Mário Júlio Kruger, os isolamentos causados pelos espaços vazios serão solucionados, na medida em que as pessoas passarem a ocupá-los, com a alteração dos relacionamentos sociais. Essa alteração no relacionamento das pessoas amenizará os efeitos da edificação e dos grandes vazios que distanciam as pessoas, diz ele. Aqui, segundo sua análise, ao contrário das outras cidades, onde se vê os moradores nas ruas, se vê apenas os

habitantes perdidos nos grandes espaços.

O professor, porém, diz que o próprio habitante de Brasília já vem modificando esse quadro. A área da torre de Televisão, onde a feira não consta no projeto original é, segundo ele, o melhor exemplo de que o brasiliense está procurando fórmulas de superar a tão propalada "solidão". O próprio Lúcio Costa, em certa ocasião, declarou que construiu a cidade pensando em um tipo de relação social que, na realidade, não vigorou. Numa sociedade capitalista e altamente setorizada foi impossível a convivência pacífica entre alto e baixo assalariado. Daí, a expulsão dos operários para a periferia, tanto por pressões ideológicas como econômicas, e a ocorrência de enormes vazios, disse Mário Kruger.

Convivendo quase que unicamente com os colegas de trabalho, tanto nos órgãos governamentais como nas próprias súperquadras, o brasiliense sente dificuldades de estender seu relacionamento. Porém, adiantou não ser possível fazer qualquer projeção para a cidade, uma vez que será ocupada por pessoas cujo comportamento é difícil de se prever. Acredita, por fim, que as futuras gerações darão um ar mais humano à cidade, com a ocupação dos espoços. A arquitetura, frisou, é apenas um condicionante de desagregação. "A razão principal está no próprio relacionamento humano existente".